

Um satélite em órbita e a curiosidade dos brasileiros: o *Sputnik* nas páginas dos jornais do Rio de Janeiro (1957).

Prof. Dr. Tácito Thadeu Leite Rolim
Universidade Estadual do Ceara – UECE
FECLESC – Quixadá-CE, Brasil.

Entender o conceito de “Guerra Fria” e seus subprodutos – a “Corrida Espacial e Armamentista” – nem sempre é um exercício fácil. Apesar das simplificações comumente apresentadas em livros didáticos e na historiografia, que põe o componente político-ideológico como fator primordial na sua compreensão, há outros componentes que servem para explicá-lo. Em pesquisa conduzida no doutorado¹, enfatizei que o entendimento do conceito de “Guerra Fria” ganha uma maior abrangência quando deixamos de lado, mesmo que por um instante, aquele componente. Se mergulharmos no componente técnico-militar, por exemplo, o conceito adquire dimensões analíticas que possibilitam explicá-lo em sua completude.

Nesta abordagem, o lançamento do primeiro satélite artificial pelos russos, em outubro de 1957, ganha espaço mais denso dentro da esfera explicativa do conceito de “Guerra Fria” e seus subprodutos. Se entendido apenas no aspecto político-ideológico, significou um salto gigantesco dado pelos comunistas na “Olimpíada ideológica”² que representou, para muitos, a “Guerra Fria”. O mundo inteiro – e principalmente os norte-americanos – se embasbacaram ante o inegável progresso técnico e científico alcançado com aquele feito: nos meses que se seguiram, era como se “uma tampa saltou e todos se perguntam o que irá sair da caldeira hoje... amanhã... dentro de cinco anos.”³ Deste modo, o lançamento do primeiro satélite artificial é assimilado como o estopim da “Corrida Espacial”, saindo portanto os russos na dianteira desta “corrida”. O que alguns festejam é a supremacia do comunismo sobre o capitalismo, enquanto o que parece estar em jogo é a possibilidade de manutenção da “Guerra Fria” como algo potencial – e não efetivável – na medida em que o “salto” russo deve ser acompanhado, imediatamente, por um avanço correspondente do “mundo livre”, gerando assim o combustível para o outro subproduto, a “Corrida Armamentista”. O desequilíbrio na

¹ ROLIM, Tácito Thadeu Leite. *Brasil e Estados Unidos no contexto da Guerra Fria e seus subprodutos: Era Atômica e dos Mísseis, Corrida Armamentista e Espacial, 1945-60*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2012, 292pp

² MORRAY, J.P. *As origens da Guerra Fria: de Yalta ao desarmamento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1961, p.11.

³ BARNIER, Lucien. *A nova ciência dos soviéticos*. São Paulo: IBRASA, 1959, p. X.

balança de poder gerava instabilidade e o *Sputnik* mostrou que os russos operacionalizaram a arma suprema da “Guerra Fria”: o ICBM (*Intercontinental Ballistic Missile*) ou Míssil Balístico Intercontinental.

Não parece surpresa o fato de que o lançamento do primeiro *Sputnik*⁴ tenha acirrado ânimos e surpreendido as pessoas no mundo inteiro. Afinal de contas, uma parte considerável do mundo estava envolvida – direta ou indiretamente – na “Guerra Fria”, e o *Sputnik* emprestou um caráter global ao feito russo na medida em que o satélite orbitava ao redor do globo em uma órbita tal que possibilitava o seu avistamento em todas as partes da Terra⁵: no Brasil, o satélite causou forte impacto por onde corria a sua notícia⁶ e era motivador das mais bizarras manifestações e reações.⁷ O objetivo deste artigo é o de recuperar as mais diversas apropriações que foram feitas do extraordinário feito russo na cidade do Rio de Janeiro, estejam elas manifestadas na grande imprensa (notadamente o *Última Hora*), nas revistas, na historiografia e em aspectos outros do cotidiano da cidade, como o carnaval, o cinema e o futebol, por exemplo. Busco traçar, portanto, um quadro amplo que habilite a compreensão do impacto causado pelo *Sputnik* na cidade nos primeiros momentos do seu lançamento.

* * *

Em sua publicação de fins de 1960, a revista norte-americana *The Public Opinion Quarterly* fornece-nos um artigo com o impacto causado pelo lançamento do *Sputnik* em diversos países do mundo. Cidadãos de onze países ocidentais⁸ foram consultados sobre se “sabiam que um satélite artificial tinha sido lançado” e se “sabiam que o satélite foi lançado pela Rússia.” Noruega, França, Áustria, Bélgica e Alemanha (Ocidental) encabeçaram a lista – em ordem decrescente⁹ – dos países consultados cujo percentual dos que tinham conhecimento do satélite artificial e da façanha russa atingiram marcas superiores a 90%:

⁴ “A designação completa em russo é ‘Iskustvenyi Sputnik Zewli’ (companheiro artificial da Terra).” Conforme verbete “*Sputnik*” em: MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *Dicionário Enciclopédico de Astronomia e Astronáutica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p.755.

⁵ Isto se deve ao fato da órbita do *Sputnik* apresentar uma inclinação que o deixa próximo ao eixo de rotação da Terra, fazendo com que o movimento combinado Terra-satélite possibilite a “varredura” da quase totalidade das áreas mais habitadas do planeta.

⁶ *Jornal O Povo*, Fortaleza, 18 de outubro de 1957, p.1, “O satélite vai passar de novo sobre Fortaleza.”

⁷ Embriagado, um funcionário da Central do Brasil sacou do revólver e tentou atirar no satélite: conseguiu atingir uma jovem no abdômen. Conforme: *Jornal Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 12 de outubro de 1957.

⁸ Noruega, França, Áustria, Bélgica, Alemanha (Ocidental), Itália, Canadá, Japão, Grã-Bretanha, México e Brasil.

⁹ Os dados a seguir referem-se ao percentual de respostas afirmativas a primeira / segunda pergunta: Noruega 97% / 94%, França 96% / 93%, Áustria 93% / 92%, Bélgica 93% / 91% e Alemanha (Ocidental) 91% / 90%.

segundo o autor do artigo, “o único outro evento na história recente que pode igualar com o conhecimento do público sobre o *Sputnik* foi a explosão da bomba atômica em 1945.”¹⁰ O que pode ser deduzido destes dados é que as pessoas nestes países obtiveram informações – através do rádio, de jornais ou revistas, por exemplo – que os habilitaram a tomar conhecimento do *Sputnik* e associá-lo a União Soviética. Assim, para aqueles países que estavam no centro da “Guerra Fria” – o teatro de guerra da Europa Ocidental – a notícia reverberou e se disseminou eficazmente. Uma vez que um dos objetivos da pesquisa era o de saber “qual o estado de apreciação e conhecimento popular acerca dos desenvolvimentos da tecnologia espacial”¹¹, os dados estatísticos apontam para a generalização deste conhecimento naqueles países. E no Brasil, o que os dados apontam?

Os dados fornecidos pelo artigo continuam para os outros 6 países e neles os índices ficam entre 89% e 71%.¹² A exata pergunta feita nesta pesquisa foi a seguinte: “Você saberia dizer se algum país foi ou não bem sucedido no lançamento de um satélite artificial ao redor da Terra? Que país foi esse?”¹³ No Brasil, a cidade escolhida para a pesquisa foi o Rio de Janeiro e 57% dos cariocas responderam “sim” para a primeira pergunta e 51% acertadamente “Rússia” para a segunda. Apesar do Brasil – e no caso, a cidade do Rio de Janeiro – estar entre os países que apresentam os mais baixos índices da pesquisa, eles podem ser considerados significativos uma vez que indicam que mais da metade da população sabia da existência do satélite artificial e era capaz de indicar o país responsável.¹⁴ Assim, percebe-se que parte significativa dos cariocas estavam cientes do lançamento do *Sputnik*, e isto corrobora na hipótese de que muitas apropriações e re-significações foram dadas a este episódio e que estas migraram para as páginas dos periódicos da cidade – e vice-versa.

De fato, foi na cidade do Rio de Janeiro, em novembro de 1957, que foi publicado – pelo Editorial COPAC S.A., o que parece ser, no mundo, o “primeiro livro completo sobre os dois satélites [*Sputnik* I e II] soviéticos, seus mistérios, sua importância científica e sua

¹⁰ ALMOND, Gabriel A. *Public Opinion and the Development of Space Technology*. In: *The Public Opinion Quarterly*, Vol. 24, No. 4. (Inverno, 1960), p.555. “The only other event in recent history which can match *Sputnik* in general public awareness was the explosion of the atom bomb in 1945.”

¹¹ ALMOND, Gabriel A. *Public Opinion and the Development of Space Technology*. Op. Cit., p.555. “What is the state of popular knowledge and appreciation about developments in space technology?”

¹² Itália 89% / 88%, Canadá 83% / 83%, Japão 79% / 78%, Grã-Bretanha 74% / 73% e México 71% / 67%.

¹³ ALMOND, Gabriel A. *Public Opinion and the Development of Space Technology*. Op. Cit., p.556. “Do you happen to know whether or not any country has succeeded in launching a man-made satellite around the earth?” (If Yes), “Which country did so?”

¹⁴ Uma análise mais apurada dos dados só seria possível se fossem dispostas, no artigo, a metodologia da pesquisa, assim como o perfil dos entrevistados etc. Realizo aqui um exercício conjectural – baseado nos dados do artigo – que não me impede de apresentar algumas deduções com relativa precisão.

influência decisiva no futuro da humanidade.”¹⁵ O livro de Queiroz Júnior – “*Sputnik, a lua vermelha: a verdade sobre os satélites soviéticos, seus detalhes técnicos, seus mistérios, sua importância militar e sua influência decisiva no futuro do mundo*”¹⁶ – trazia um panorama completo do impacto causado pela “lua vermelha.” O autor buscava as origens do satélite nas “profecias de Julio Verne e de H.G. Wells”, apresentava as “primeiras mensagens [do satélite] captadas no Brasil”¹⁷, assim como os impactos do Sputnik na religião e no “direito interplanetário”. Na penúltima parte do livro é mostrado o “anedotário mundial sobre a lua vermelha.”¹⁸ Exemplos como este corroboram na hipótese de que houve uma intensa repercussão no mundo e no Brasil – e em particular na cidade do Rio de Janeiro – do primeiro satélite artificial. O próprio autor enfatiza – no “prefácio de um livro compilado a jato” – que o material para o livro foi obtido “condensando o noticiário das agências telegráficas do exterior [e] os artigos publicados no Brasil.”¹⁹

Como os veículos da imprensa – o “noticiário” – se manifestaram diante do surpreendente avanço técnico-científico da engenhosidade humana, consubstanciada no lançamento do primeiro satélite espacial, o *Sputnik*, em 1957? Que apropriações foram feitas pelo público em geral e que podem ser encontradas na imprensa, na forma de reclames, de colunas jornalísticas, assim como na associação deste aos outros episódios do cotidiano da Capital? Que reações aparecem quando os americanos “alcançam”, em 1958, os soviéticos na “Corrida Espacial” e lançam seu primeiro satélite artificial? Como o satélite “migra” para o carnaval, o futebol e o cinema, por exemplo?

* * *

Em pesquisas anteriores que realizei sobre a década de 1950²⁰ – mais precisamente sobre fins desta década – pude perceber que ela está pontilhada de surpresas. No quadro da “Guerra Fria”, o final da década de 1950 é marcado pelo desenvolvimento e

¹⁵ Revista *Leitura*. Rio de Janeiro, número 6, ano XV, dezembro de 1957, p.14.

¹⁶ QUEIROZ JÚNIOR. *Sputnik, a lua vermelha: a verdade sobre os satélites soviéticos, seus detalhes técnicos, seus mistérios, sua importância militar e sua influência decisiva no futuro do mundo*. Rio de Janeiro: Editorial COPAC S.A., 1957.

¹⁷ QUEIROZ JÚNIOR, Op. Cit., p.69.

¹⁸ QUEIROZ JÚNIOR, Op. Cit., p.159.

¹⁹ QUEIROZ JÚNIOR, Op. Cit., p.14.

²⁰ ROLIM, Tácito Thadeu Leite. *A Operação “Argus” (1958) e as controvérsias sobre a ocorrência de testes atômicos no Nordeste brasileiro*. In: Revista Tempo. Niterói: Universidade Federal Fluminense, volume 14, número 28, junho de 2010. ROLIM, Tácito Thadeu Leite. *O Ceará como palco da Corrida Espacial em fins da década de 1950*. In: Revista Científica EDUCARE. Fortaleza: Colégio Militar de Fortaleza, volume 2, número 2, junho de 2010.

operacionalização da arma mais importante e letal de uma e outra superpotência atômica: o Míssil Balístico Intercontinental, ou ICBM em inglês. Desde início da década que os Estados Unidos vinham sistematicamente testando os embriões deste engenho, e o marco desta busca pode ser claramente identificado com a construção do Cabo Canaveral, no estado da Flórida. A possibilidade da realização de viagens espaciais animava alguns²¹, enquanto a possibilidade de se colocar uma bomba atômica ou de hidrogênio na ponta dos foguetes e mísseis e lançá-los contra um alvo indefeso a dezenas de milhares quilômetros encantava outros, particularmente os militares. É neste quadro que deve ser percebido a façanha soviética, uma vez que, pela primeira vez, foi testado com sucesso um vetor para as terríveis armas atômicas: e se no lugar do *Sputnik* os russos pusessem uma bomba de hidrogênio e a atirasse contra Nova Iorque ou Washington?

No mundo, medos e receios outros já existiam mesmo antes do *Sputnik*. A Terceira Guerra Mundial parecia mais e mais iminente. No Brasil, algumas pessoas entendiam que estávamos sob a ameaça de um ataque aéreo russo²², enquanto outras especulavam, por exemplo, sobre o “que aconteceria se caísse uma bomba atômica em São Paulo.”²³ Na direção contrária da força repulsiva que a “Guerra Fria” parecia imprimir ao Brasil – e a toda a América Latina –, jornalistas e articulistas insistiam em nos colocar no epicentro do distante “conflito” entre o bipolo que se desenrolava nos teatros europeu e asiático.

À época do *Sputnik*, a cidade do Rio de Janeiro parecia enfrentar uma séria epidemia de “gripe asiática”²⁴, que segundo um periódico local, havia fechado “mais da metade das escolas”²⁵ da Capital Federal. As explicações para a “asiática” foram buscadas, pelo dr. Alfredo Eugênio Veroloet, nas “deflagrações atômicas, provenientes da radioatividade”²⁶ e prontamente rebatidas pelo dr. Nelson Moraes, presidente da Comissão Especial da Gripe, do Ministério da Saúde: ao longo da década de 1950, a “Era Atômica” parece ter animado as explicações para tudo o que pouco ou quase nada era compreendido, de epidemias a “discos

²¹ “Esta espetacular realização marcou o início da impressionante Era Espacial. Viagens espaciais se tornaram uma realidade.” [“This spectacular achievement marked the opening of the awesome Space Age. Space travel had become a reality.”] *Statements of Prominent Americans on the Opening of the Space Age: A Chronology of Select Statements, October 4, 1957 to November 13, 1958.* [Compilado por Lynne L. Daniels.] NASA Historical Staff. National Aeronautics and Space Administration, Washington, D.C., 15 de julho de 1963, p.i. [Disponível em: <http://www.benandjenniferlevasseur.com/SputnikDocuments.html>, acessado em 29/11/2009]

²² Revista *O Cruzeiro*, 1 de novembro de 1952, p.54-60. “Poderemos ficar neutros? O Brasil na 3ª Guerra Mundial”

²³ Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, Ano XXVII, Suplemento, número 8285, Sábado, 15 de agosto de 1953, p.7.

²⁴ Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, Quinta-feira, 10 de outubro de 1957, p.2, “Perigo nas complicações: ‘asiática’ está matando 10 pessoas diariamente!”

²⁵ Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, Quarta-feira, 2 de outubro de 1957, p.6, “Depois de abalar a vida da cidade e fechar mais da metade das escolas: ‘asiática’ finalmente vai bater em retirada.”

²⁶ Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, Quarta-feira, 2 de outubro de 1957, p.6.

voadores”. Um sentimento de que uma nova “era” se avizinhava era percebido no final da década na Capital Federal: em 1958, ano em que o “barulhento DKW – Vemag saiu pelas ruas com 50% de suas peças feitas aqui, todos compreenderam que o futuro, se ainda não havia chegado com os mesmos *sputniks* que os russos lançavam ao espaço desde o ano anterior, pelo menos estava dando a ar de sua graça entre nós.”²⁷ Nos reclames, a suposta modernidade percebida pelos cariocas – e potencializada pela onda de “discos voadores” e *Sputniks* – servia para alavancar as vendas de chuveiros elétricos²⁸, de album de figurinhas²⁹, em lojas de departamento³⁰ e de apartamentos residenciais. Em um anúncio de imóveis na região metropolitana do Rio de Janeiro podia-se ler:

“Nos céus, o satélite artificial circula e, com ele, a Humanidade dá um salto na conquista dos espaços siderais, transformando em realidade o que existia somente na imaginação ousada de homens de visão. Nova trajetória de progresso se descortina ao homem. Na órbita do progresso imobiliário, Icaraí ganha evidência, pelas condições de beleza de sua paisagem e pelo espírito empreendedor dos homens que constroem. E surge o Tagus II, majestoso edifício ideal para quem deseja viver confortavelmente, ou pretende auferir renda garantida.”³¹

Como salientado, a noção de que grandes saltos tecnológicos estavam sendo experimentados pela humanidade, foi potencializada pelo lançamento do *Sputnik*, no dia 4 de outubro de 1957³². Pela primeira vez, um objeto fabricado pelo homem, foi lançado – mesmo que temporariamente – em uma órbita no espaço sideral. Nos bastidores, o governo norte-americano admitia que – com o lançamento do satélite – a “credibilidade geral soviética tinha sido nitidamente acentuada”, assim como que a União Soviética “teria uma clara vantagem na guerra fria”³³, e solicitava que se “evitassem especulações sobre a significância política ou

²⁷ FERREIRA DOS SANTOS, Joaquim. *Feliz 1958: o ano que não devia terminar*. (5ª edição). Rio de Janeiro: Record, 1998, p.12.

²⁸ *Jornal Última Hora*, Rio de Janeiro, Quarta-feira, 2 de outubro de 1957, p.4, “Disco Voador” “O moderníssimo chuveiro elétrico Sintéx automático, melhor no inverno, melhor no verão.”

²⁹ *Jornal Última Hora*, Rio de Janeiro, Segunda-feira, 16 de março de 1959, p.12, “Uma Viagem Interplanetária No Espaço E No Tempo! (...) (...) Um álbum majestoso ao incrível preço de r\$5,00!

³⁰ *Jornal Última Hora*, Rio de Janeiro, Quinta-feira, 2 de abril de 1959, p.3, “Veja Bem De Perto O Maravilhoso Mundo Que Nos Cerca.” [Reclame da Mesbla, mostra telescópios, um Sputnik e um foguete (desenhos)]

³¹ *Jornal Última Hora*, Rio de Janeiro, Segunda-feira, 14 de outubro de 1957, p.5, “Tagus II na órbita do progresso.”

³² *Jornal Última Hora*, Rio de Janeiro, Sábado, 5 de outubro de 1957, p.4, “Lançado Pelos Cientistas Soviéticos o Primeiro Satélite Artificial da Terra. Dá Uma Volta em Torno do Planeta em Uma Hora e Meia – Visível a Olho Nu e Pode Ser Ouvido no Rádio – Sensação nos Estados Unidos – Cientistas Americanos Felicitam os Soviéticos – Comparação entre EUA e URSS.”

³³ *World Opinion and the Soviet Satellite: A Preliminary Evaluation*. United States Information Agency, Office of Research and Intelligence, 17 de outubro de 1957, p.5. [Disponível em: <http://www.benandjenniferlevasseur.com/SputnikDocuments.html>, acessado em 29/11/2009]

militar [do *Sputnik*].”³⁴ Na prática, porém, o feito soviético era sim explorado em seus aspectos técnicos e políticos. No Capital Federal, a Sociedade Interplanetária do Rio de Janeiro (SIRJA) exibia o modelo não do satélite soviético, mas o do “satélite carioca”, “uma miniatura [feita no Brasil pela Sociedade] do satélite artificial que será lançado, em 1958, pelos norte-americanos” e que ficará exposta numa “livraria, no Largo da Carioca.”³⁵ Na mesma matéria, o vice-presidente do SIRJA, o sr. José Joaquim Sales Lemos, lembrou que a exposição do “satélite carioca” visava “popularizar o interesse coletivo pela astronáutica.”

Provavelmente com interesses diferentes do SIRJA, a RCA-Victor ofertou ao Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, em uma “significativa solenidade” na rua Visconde da Gávea, sede da RCA, uma réplica do *Vanguard*, o futuro satélite norte-americano. Porém, a réplica do satélite – que veio diretamente dos Estados Unidos – foi retida no Aeroporto do Galeão, pela “burocracia alfandegária.”³⁶ E o funcionário da Alfândega carioca, indiferente a singularidade do “satélite”, declara aos repórteres da imprensa local que aguardavam a chegada do *Vanguard*:

“Televisão, geladeira, rádio-vitrola, roupas finas, perfumaria, não saem sem licença.” – explicou um funcionário aduaneiro, acrescentando:
– “Para nós não passa de um aparelho como qualquer outro que deve ser enquadrado nas leis.”³⁷

A réplica do *Vanguard* parecia ser utilizada em uma tentativa de eclipsar o feito soviético com o *Sputnik*, ou ainda de se aproveitar do furor causado pela curiosidade geral acerca de um para que se apresentasse o outro³⁸. Em um programa de auditório da televisão carioca, o apresentador César de Alencar, deu um “tremendo ‘furo’ no seu programa” ao

³⁴ Ofício assinado pelo Capitão Noel Gayler da Marinha norte-americana [Naval Aide to the Secretary of Navy] endereçado ao Chefe de Informações da Marinha. Assunto: Política de informação pública acerca do satélite. Departamento da Marinha, Washington, 6 de outubro de 1957. [Disponível em: <http://www.benandjenniferlevasseur.com/SputnikDocuments.html>, acessado em 29/11/2009]

³⁵ Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, Sábado, 5 de outubro de 1957, p.5, “O Satélite Artificial Carioca Não Subirá Um Milímetro: Cópia Para Museu. Cópia Fiel (Segundo o Vice-Presidente do SIRJA) Que Será Exibido em Vitrine de Livraria – O Satélite Artificial Norte-Americano Será lançado em 1958, da Flórida (...)”

³⁶ Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, Quinta-feira, 10 de outubro de 1957, p.7, “A Burocracia Alfandegária Interrompe a “Órbita” do satélite Americano: Retida na Alfândega a Réplica do “Vanguard”. Decepção Geral Dos Que Ansiavam Por Ver o Modelo do satélite Americano – Chegou Escondido, no Porão do Quadrimotor da Varig – Felizmente, Não Havia Nenhuma Confusão Nos Documentos e a Reprodução do “Vanguard” Pode Ser Encaminhado ao Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas.

³⁷ Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, Quinta-feira, 10 de outubro de 1957, p.7.

³⁸ A réplica feita pelo SIRJA do satélite artificial “tem valor apenas como peça ilustrada, devendo ser posto em um museu, brevemente [e] sua pequena dimensão (...) revela, entretanto, detalhes que por fotografia são idênticos aos do original. Foi, porém, construído com metal branco, relativamente pesado [e] seu custo, segundo o vice-presidente do SIRJA, foi de mil cruzeiros.” Aparentemente, por ter sido trazida diretamente dos Estados Unidos, a réplica da RCA-Victor pode ter sido interpretada como mais fidedigna ao satélite norte-americano e ter, assim, causado um maior impacto nos expectadores.

mostrar pela primeira vez ao público – “exatamente como os russos, sem anunciar nada” – a réplica do satélite norte-americano. O satélite foi descrito pelo Consultor Técnico da RCA-Victor, o sr. Walter Obermuller, e “era de ver o grave silêncio que tomou conta daquele barulhento auditório em tal momento.” Uma tal de Wilma, expectadora do programa, “perdeu quatro quilos preocupada com o assunto e só respirou, feliz, quando viu entrarem no corredor, com um caixa tipo de televisão (...) o pessoal da “RCA-Victor.”³⁹

Nas ruas da Capital Federal, o satélite russo parecia despertar os mais diversos sentimentos e o “espírito carioca descobre que seria interessante viajar no satélite (...) [e] encara o fato com esportividade.”⁴⁰ O periódico *Última Hora* buscou nos “homens do povo” as suas opiniões sobre o *Sputinik*. A senhorita Yvonne Nunes, aeromoça da PanAir, disse – “exibindo contagiante sorriso” – andar “louca para encontrar o tal ‘satélite russo’” e que estava “decidida a aceitar uma carona, se descer por aqui perto...” E justifica o seu interesse: “Aliás, um de meus mais prezados amigos é de nacionalidade russa, daí meu entusiasmo pela viagem.”⁴¹ Já a senhora Dalila Bogado Pedreira, funcionária do Ministério do Trabalho, parece mais comedida:

“– Gostaria, porém, de dar uma olhadinha, mas só por curiosidade. Mas, isso sim, sob uma condição: que o piloto fosse verdadeiramente entendido do assunto. Quanto ao itinerário certo, deixava-o por conta dele. Não convidaria ninguém. Preferiria monopolizar todas as emoções da viagem.”⁴²

O periódico chama a atenção para a confusão comumente feita entre os satélites artificiais e os afamados “discos voadores”: o comentário anterior parece indicar que um é tomado pelo o outro. Como já salientei, a profusão de descrições de avistamentos dos “discos” talvez tenha corroborado para a confusão. A senhorita Joana de Lauro, vendedora do Imperial Palace, parece compartilhar do mesmo cuidado e mal-entendido da funcionária do Ministério:

“– Se encontrasse um, entraria por curiosidade, se pudesse vencer o medo. Mas em companhia de algum conhecido... Quem pode lá saber as intenções dos tripulantes desses aparelhos? Dizem que, na Rússia, tudo é misterioso, de modo que não seria nada ruim ter um guarda-costas.”⁴³

³⁹ Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, Terça-feira, 15 de outubro de 1957, p.13, “Rádio – Televisão – Discos”. Oswaldo Miranda. “Satélite: Furo Do Cesar.”

⁴⁰ Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, Terça-feira, 8 de outubro de 1957, p.8.

⁴¹ Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, Terça-feira, 8 de outubro de 1957, p.8.

⁴² Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, Terça-feira, 8 de outubro de 1957, p.8.

⁴³ Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, Terça-feira, 8 de outubro de 1957, p.8.

Outras pessoas, porém, preocupadas com os problemas mais imediatos, parecem identificar o *Sputnik* como “mais uma novidade para entreter o povo”⁴⁴, enquanto outras, atentas a problemas ainda mais imediatos, trombeteam: “– Não acredito nessa história, nem quero acreditar. E a carne? Onde anda?”⁴⁵ A exemplo de outros acontecimentos igualmente marcantes – como o desenvolvimento da energia atômica e a bomba atômica – é certo que o *Sputnik* despertou em muitos o sentimento de que um novo capítulo da história da humanidade estava sendo escrito. “Considero esse fato como o maior acontecimento da ciência desde que o homem é homem. (...) o satélite anuncia o começo de uma nova etapa de conseqüências que me parecem imprevisíveis para todos nós,”⁴⁶ afirmou o industrialista Marcos dos Santos Cortês.

Além de atizar o imaginário das pessoas, o satélite parecia influenciar a opinião de alguns sobre aspectos da política interna do país. Para uma revista semanal de circulação nacional, os constantes sucessos russos no campo espacial – agora com o *Sputnik II*⁴⁷ – tanto no “jogo preparatório para a apresentação de Luis Carlos Prestes à Justiça” como no “movimento para reatamento de relações com os países da Cortinas de Ferro” pareciam preparar “o terreno psicológico favorável [com o crescimento da] admiração pela proeza soviética.”⁴⁸ No que concerne ao reatamento das relações diplomáticas, o período pós-*Sputnik* gerou na Câmara Federal no Rio de Janeiro

“um pedido de informações a ser enviado ao Ministério das Relações Exteriores, procurando saber porque até agora o Brasil ainda não reatou relações comerciais e diplomáticas com a Rússia, China, Hungria, Romênia e todos os demais países socialistas.”⁴⁹

Ainda na seara política, o jornalista Eloy Dutra dispara contra o que entende ser “um mar de mediocridade e ridículo” que o país atravessa, nos mais diversos setores da vida social, econômica e política. E ironicamente, atira:

“A uma hora dessas, provavelmente, o abrasado matalote que atende pelo nome de Penna Botto deve estar confabulando com o estado-maior da sua

⁴⁴ Relato do Sr. João Carlos Feijó ao Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, Terça-feira, 8 de outubro de 1957, p.8.

⁴⁵ Relato do Sr. André da Silveira Lopes ao Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, Terça-feira, 8 de outubro de 1957, p.8.

⁴⁶ Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, Terça-feira, 8 de outubro de 1957, p.8.

⁴⁷ O *Sputnik II* foi lançado no dia 3 de novembro de 1957 e levou uma cadela a bordo. Era também maior e mais pesado do que o primeiro *Sputnik*.

⁴⁸ Revista *Visão*, São Paulo, 15 de novembro de 1957, v.11 n.º.20, p.11, “A Nação.”

⁴⁹ Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, Quarta-feira, 9 de outubro de 1957, p.2, “Tratamento de relações com a Rússia.”

‘cruzada’ a fim de engendrar algo que prove terem sido os planos do satélite artificial roubados pelos russos aos cientistas de Nova Iguaçu. (...) (...) nós ficamos aqui (...) discutindo estupidamente se o ‘golpe’ vem ou não vem, ou então preocupados com as arengas cretinas dos maiores idiotas da terra.”⁵⁰

Acatar a incrível proeza soviética como merecedora de méritos não era algo obtido facilmente entre alguns políticos. Enquanto para uns, independentes de sua posição política, era claro o avanço russo, para outros não passava de embuste e falsificação propagandísticos. Um exemplo deste posicionamento pode ser observado quando da tentativa da Câmara Municipal da cidade do Rio de Janeiro de propor “louvor aos cientistas que realizaram o prodigioso feito do lançamento do satélite.”⁵¹ A acidez da crítica tendo como pano de fundo o *Sputnik* mostra como o episódio do lançamento do satélite podia – e era – utilizado para acirrar antigas mágoas e ressentimentos.

“A bancada udenista na Câmara Municipal, ante a proposta (...) retirou-se do recinto. Para ela, o satélite não existe: deixando o udenismo de tomar conhecimento dele, é como se não existisse. Negar a existência da realidade, para a UDN, é alterar a realidade. Claro está que, como sempre, a UDN varia do grotesco ao amargo, sem nenhum senso de medida. Optou pelo grotesco, no caso. Espelho da reação e do obscurantismo, no Brasil, julga-se ainda na posição de arbitrar o valor e a grandeza dos fatos. A vida continua, entretanto: o tempo passa, tudo se transforma; só a UDN permanece a mesma.”⁵²

E de volta as ruas da cidade, a população parecia se utilizar da façanha russa para ironizar algumas situações do cotidiano da cidade. Uma revista de circulação nacional anuncia que “as piadas se sucedem, principalmente aquelas engendradas pela malícia carioca, que não perdeu tempo em gozar este delicioso pratinho, colocando na alça de mira do seu bom humor gregos e troianos, isto é, russos e americanos.”⁵³ E na esteira do satélite, são satirizadas as “lotações”⁵⁴ utilizadas no transporte público da cidade que, para alguns, garantiriam “um

⁵⁰ Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, Quarta-feira, 9 de outubro de 1957, p.6, “Atire a primeira pedra”, “A luazinha.”

⁵¹ Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, Quarta-feira, 9 de outubro de 1957, p.3, “Flash do momento”, “A UDN e o satélite.”

⁵² Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, Quarta-feira, 9 de outubro de 1957, p.3, “Flash do momento.”

⁵³ Revista *Visão*, São Paulo, 18 de outubro de 1957, v.11 n.º.16, p.24, Seção “Mosaico”, “Satélite”.

⁵⁴ Em meados de 1957, marujos norte-americanos – embarcados em uma esquadra de navios de guerra que visitaram o Rio de Janeiro – foram aconselhados por seus superiores a “não viajar absolutamente de lotação”, assim como pedir nos restaurantes apenas o “clássico ‘bife com fritas’”. Restrições, no entanto, parecem não ter sido dadas sobre a frequência dos cabarés da Lapa, que em um “regime de sessões contínuas, do meio-dia às seis da manhã (...) tiraram o pé da lama com essa sedenta clientela.” Ver: Revista *Visão*, São Paulo, 19 de julho de 1957, v.11 n.º.3, p.24.

carnaval no espaço no dia em que o Brasil lançar um lotação-satélite pela estratosfera.”⁵⁵ Em uma charge é mostrada a tal “lotação-satélite” – onde se lê “E.Ferro-Leblon” – em disparada por entre nuvens e estrelas, sob olhar assustado da Lua que parece temer a aproximação do veículo.

No “espaço” ou nas ruas, o certo é que não seria de se estranhar que fossem feitas referências ao satélite russo em algumas letras de sambas e marchas gravadas para o período das folias carnavalescas de 1958, na cidade do Rio de Janeiro. Dado o impacto causado pelo *Sputnik* – e pelo imediato esforço norte-americano de segui-los na “corrida” – no entendimento que se tinha até então sobre as possibilidades das “viagens espaciais”, ampliou-se o leque imaginativo de apropriações do feito russo. Há, para o carnaval de 1958, um conjunto variado de letras de marchas, sambas e frevos – “para piston, clarinete ou sax tenor” –, e que pareciam fazer parte dos “sucessos permanentes” para o período⁵⁶. As letras faziam clara e direta referência ao *Sputnik* e traziam um entendimento para o mesmo muito semelhante àquele observado pelos “homens do povo” do jornal *Última Hora*. Na marcha “Cuidado Amélia”, parece bem nítida a apropriação do satélite como uma espécie de “nave espacial” – ou “disco voador” ou algo parecido – que leva as pessoas para algum lugar distante – em muitos casos, a Lua.

“Vou viajar / Num novo Sputnik /
Tenho certeza / Que breve vou voltar /
Eu vou trazer / Todas as selenitas /
Para sambar, pular no carnaval.”⁵⁷

E o desejo de “viajar” no satélite russo continua em outras marchas que, em um dado momento, prolongam a órbita do satélite de modo a incluir não apenas a Lua, mas outros planetas do sistema solar.

“Quero, quero, quero / Viajar de Sputnik /
Meu carnaval / Este ano vai ser chic.
Eu vou me esbaldar na Lua / Em Marte, Netuno, ou Plutão /
Não me importa que você me critique / Mas quero, quero, quero /
Viajar de Sputnik.”⁵⁸

⁵⁵ Revista *Visão*, São Paulo, 18 de outubro de 1957, v.11 n.º.16, p.24.

⁵⁶ *Carnaval de 1958 e sucessos permanentes das Editoras Irmãos Vitale e Editorial Mangione S.A*: para piston, clarinete ou sax tenor (em si bemol). Rio de Janeiro: Irmãos Vitale, 1958[?].

⁵⁷ *Carnaval de 1958 e sucessos permanentes das Editoras Irmãos Vitale e Editorial Mangione S.A.*, p.28. “Cuidado Amélia”, marcha de João Regente, gravada por Cabo Pitanga em discos Trovador, em 1957.

⁵⁸ *Carnaval de 1958 e sucessos permanentes das Editoras Irmãos Vitale e Editorial Mangione S.A*, p.22. “A marcha do Sputnik”, marcha de Tanio Jairo e João Baldez, gravada por João Baldez em discos Carnaval, em 1957.

Uma vez que o lançamento do *Sputnik* acirrou a disputa na “Corrida Espacial”, os norte-americanos fizeram, até o fim de 1957 e começo de 1958, algumas tentativas – e todas elas mal-sucedidas – de por o primeiro satélite artificial do “Mundo Livre”⁵⁹. O reflexo deste embate pode ser notado no aparecimento de russos e agora americanos nas letras das marchas de carnaval, sob o olhar de suposta indiferença do brasileiro, aparentemente bem mais interessado nas utilizações lúdicas da tecnologia espacial.

“Mande fazer um satélite / Pra brincar no carnaval /
E quando cheguei lá em cima / Dancei com a Colombina /
Uma dança original.
Fiquei dançando no mundo da lua / Eu e você e mais ninguém /
Eu vi o russo e o americano / Estava me espiando /
Querendo dançar também.”⁶⁰

E ainda com relação a disputa entre russos e norte-americanos, fica claro a zombaria – feita nas ruas pelas pelos “homens do povo” – dos sucessivos fracassos “ianques” na “Corrida Espacial”. O periódico *Diário Carioca*, em Editorial, lembra que “muita gente parece gozar com os fracassos do satélite americano [e que] o espírito das ruas tem campo largo e fértil para nutrir as suas expansões de bom humor.” E antecipa mais gozação: “O *Vanguard* explodiu sem sair da Terra: preparamo-nos para uma nova safra de anedotas.”⁶¹ E, mais uma vez, um dos campos onde são encontradas expressões do “espírito das ruas” é exatamente nas marchas de carnaval.

“Eu convidei o Tio Sam prá um pique-nique /
Na ionosfera à bordo do *Sputnik* /
Ele cansado de levar tanta fubeca /

⁵⁹ O satélite norte-americano era minúsculo quando comparado ao *Sputnik*. “Depois de o *Sputnik*, com os seus 83 quilos e meio, ser bem sucedido no espaço, (...) um pequenino satélite de pouco mais de um quilo e meio seria sem dúvida um triunfo, mas, decerto, um triunfo pequenino, inconvincente.” Conforme: SHELTON, William Roy. *Largada para o infinito: a história de Cabo Canaveral*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963, p.67. Na realidade, o primeiro satélite norte-americano, o *Explorer I* – lançado no dia 31 de janeiro de 1958 –, pesava, juntamente com a “cápsula vazia do quarto estágio [do foguete], a qual se achava ligada permanentemente”, cerca de 15 quilos. Ver: DIETZ, David. *Satélite e naves espaciais*. Rio de Janeiro: Record, 1962, p.46

⁶⁰ *Carnaval de 1958 e sucessos permanentes das Editoras Irmãos Vitale e Editorial Mangione S.A.*, p.22. “Satélite”, marcha de Jayme Janeiro e Bêre, gravada por Francisco Magno em discos Carnaval, em 1957.

⁶¹ Editorial do jornal *Diário Carioca*. Publicado na Revista *Visão*, São Paulo, 20 de dezembro de 1957, v.11 n.º.25, p.59, “Editoriais”, “Satélite.” E o Editorial do *Diário Carioca* prossegue: “Há, entretanto, um aspecto muito simpático nessa campanha americana da conquista do espaço, para o qual poucos atentam. É a extrema e comovente sinceridade dos nossos amigos do Norte, expondo aos olhos do mundo e à irrisão dos adversários os seus próprios desastres. Imprensa, rádio, cinema, televisão – está tudo aí funcionando para dizer e mostrar como as coisas saíram mal.” “Não é o que acontece do outro lado, onde só a vitória tem curso livre e aos erros se dá sempre uma secreta sepultura. Entre as duas realidades há uma diferença enorme, que se chama democracia.”

Pensou, pensou, pensou e lançou o sputneka.
 O sputneka que o titio construiu /
 Oi se subiu, ninguém sabe ninguém viu /
 Diz que ele sobe mas não é muito não senhor /
 Até onde ele vai, a gente vai de elevador...”⁶²

E as anedotas⁶³ se sucedem: não apenas nos jornais ou revistas, ou ainda nas letras de músicas de carnaval, mas também nas apropriações cuidadosamente realizadas para ressaltar o aspecto “explosivo” ou ainda “atômico” – adjetivo tão utilizado na “Era Atômica” pós-guerra – de um produto, por exemplo.

“Satélite – Alguns *barmen* de Copacabana já estão servindo à sua clientela o coquetel ‘Satélite’, cuja fórmula é constituída de uma carga atômica de vodca, temperada por outros ingredientes igualmente explosivos. A receita garante que após a terceira dose o bebedor já estará apostando corrida com o *Sputnik*.”⁶⁴

E o anedotário se utiliza de todas as possibilidades de apropriação do satélite russo, não apenas das características físicas do mesmo, mas do característico “*beep-beep*” emitido pelo satélite durante o período em que esteve em órbita da Terra. Ao que se sabe, o satélite apenas emitia esse sinal – e somente isso⁶⁵. No entanto, a vitória do Flamengo no futebol no Maracanã fez com que se captassem outras mensagens para além do tedioso “*beep-beep*” do satélite: “A primeira mensagem do satélite artificial na manhã de ontem: ‘Congratulações Presidente Flamengo Grande Vitória!’”⁶⁶ E ainda sobre esta partida do Flamengo, na foto que estampa o gol de Dida, pode-se ler: “Esse não foi ‘satélite’ artificial; foi no duro!”⁶⁷ E para

⁶² *Carnaval de 1958 e sucessos permanentes das Editoras Irmãos Vitale e Editorial Mangione S.A.*, p.66. “Sputneka”, marcha de Max Nunes, Afonso Brandão e J. Maia, gravada pelo Coro Joabem Teixeira em discos Copacabana, em 1957.

⁶³ “Os satélites continuam provocando anedotas. Uma delas conta de como os americanos ficaram satisfeitos com os sucessos da ‘lua vermelha’, pois agora poderão pintar nela, em gordas letras brancas, a mensagem do ‘Beba Coca-Cola’.” Revista *Visão*, São Paulo, 8 de novembro de 1957, v.11 n.º.19, p.24, Seção “Mosaico.”

⁶⁴ Revista *Visão*, São Paulo, 25 de outubro de 1957, v.11 n.º.17, p.24, Seção “Mosaico.” No *Última Hora* apareceu: “‘Satélite’ À Base De Vodca Orloff. Como foi noticiado num jornal da Capital, e seguindo o exemplo de um barman nos EE.UU, já surgiu nos bares de Copacabana um novo coquetel chamado ‘Satélite’. Procuramos saber como é feito, mas só conseguimos descobrir que a base desse coquetel é Vodca Orloff – ‘O resto, Tovarich, é segredo’.” Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, Segunda-feira, 14 de outubro de 1957, p.1.

⁶⁵ “O *Sputnik* transmitiu um sinal ‘bip-bip’ quando em órbita ao redor da Terra, a cada 96 min, entre 228 e 947km. A frequência do sinal indicava a temperatura no interior do satélite. Ao contrário das inúmeras informações, o *Sputnik* não levou nenhum outro instrumental. A propagação dos sinais de rádio do *Sputnik* revelaram características da ionosfera terrestre o acompanhamento do satélite e do estágio final do foguete lançado, forneceram informações muito valiosas sobre a densidade das altas camadas da atmosfera.” Conforme verbete “*Sputnik*” em: MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *Dicionário Enciclopédico de Astronomia e Astronáutica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p.755.

⁶⁶ Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, Terça-feira, 8 de outubro de 1957, p.16, Seção “Esportes”.

⁶⁷ Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, Terça-feira, 8 de outubro de 1957, p.16.

não fugir dos outros aspectos tecnológicos igualmente utilizados, o gol e o jogador flamenguista são tratados como “Engenhos Atômicos”, ou ainda o “Foguete Dida do Flamengo.”⁶⁸

Mas houve, porém, quem se dedicou aos aspectos mais técnicos e científicos relacionados ao *Sputnik* – ou o primeiro objeto produzido pela engenhosidade humana a singrar pelo espaço. O simples “*beep-beep*”, por exemplo, emitido pelo satélite e captado pelas estações em terra, adquiriu, para alguns, um caráter *sui generis*. Na estação da Radiobrás em Taquara, no estado do Rio Grande do Sul, foram captados – e “gravados em ‘ondulador’” – os sinais do satélite russo. O periódico *Última Hora* afirmou que:

“Emite o satélite continuamente uma letra “T”, que no alfabeto Morse é representada por um pequeno traço com espaços regulares. Não tem fundamento portanto, as notícias que vem sendo divulgadas, que a emissão do satélite consiste numa letra “S” seguida de algarismos.”⁶⁹

Já a milhares de quilômetros dali, na estação da Panair, em Recife, os sinais do satélite são também captados – “perfeita a transmissão apanhada pelo receptor da Cia. em Pernambuco”, enfatiza o jornal *Última Hora* – e deduz-se a partir daí que “todas as transmissões do foguete russo são precedidos da letra O.”⁷⁰ Enquanto isso, na estação da Radiobrás no Arpoador e a estação de rádio da Aeronáutica – ambas no Rio de Janeiro – os rádios-operadores ouviam as letras, em código, “T”, “F”, “R”, “E”, “O”.

A confusão parece ter sido gerada pelo fato de que a frequência do “*beep-beep*” variava conforme a temperatura experimentada pelo satélite enquanto singrava o espaço ao redor da Terra: esta variação alimentou especulações quanto à possibilidade de que os sinais fossem “mensagens cifradas”⁷¹ ou “misteriosos sinais em código secretíssimo”⁷² enviadas pelos russos. Deste modo, entender os sinais do satélite como mensagens dos comunistas soviéticos ao mundo inteiro parece uma interpretação peculiar possibilitada pela atmosfera

⁶⁸ Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, Terça-feira, 8 de outubro de 1957, p.16.

⁶⁹ Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, Segunda-feira, 7 de outubro de 1957, p.6. “ULTIMA HORA Divulga os Sinais Emitidos Pelo Satélite Russo. O Cientista Brasileiro Jayme Tiomme Confirma os Prognósticos de Moscou – Pesquisadores Norte-Americanos Estupefatos com as Características da ‘Lua Vermelha’.”

⁷⁰ Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, Segunda-feira, 7 de outubro de 1957, p.6.

⁷¹ Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, Terça-feira, 8 de outubro de 1957, p.6. Novas Mensagens (Cifradas) Do Satélite: Outra Emissora Na Mesma Onda Do Aparelho. (...) (...) Captadas Mais de 15 Mensagens Por Rádios-Operadores da Panair do Brasil – Letras (“T” e “L”) Intercalam o Código – Radiobrás Não Ouviu, de Madrugada, o Engenho – Exército Não Conseguiu, Também, Captar Mensagens.

⁷² Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, Sexta-feira, 11 de outubro de 1957, p.6. “Confirmado O ‘Furo’ Mundial De ‘Última Hora’ [ao mostrar o gráfico com as emissões do *Sputnik*, feita pela Radiobrás].” [Os sinais emitidos pelo *Sputnik*] “tem forma de impulsos telegráficos de cerca de três décimos de segundo, com pausas de igual duração”, conforme ilustra o gráfico da ‘Radiobrás, e ao contrário do que afirmavam alguns, “que o satélite soviético emitia ‘misteriosos’ sinais em código secretíssimo...”

vivenciada naquele momento histórico específico, onde tudo parecia conspiração – seja russa ou norte-americana.

Ainda na esteira do sucesso do *Sputnik*, em 1959, foi produzida pela Atlântida Cinematográfica Ltda a chanchada “O homem do *Sputnik*”. Nela – ambientada em parte na cidade do Rio de Janeiro – o suposto satélite russo, caído no galinheiro de uma fazenda interiorana, é o responsável pela trama que envolve os atores e atrizes numa divertida crítica a “soviéticos e norte-americanos, desfilando os tipos mais interessantes que configuram a imagem que o povo brasileiro acostumou a ter desses estrangeiros.”⁷³ Destaque à parte para a abertura dos créditos do filme, cuja apresentação feita “por meio de formas geométricas em estilo Oscar Niemeyer”, parece anunciar “o avanço tecnológico e a corrida espacial, [enfim] a modernidade que chega ao Brasil.”⁷⁴ A produção de um filme com a temática do satélite russo pode ter ajudado a disseminar mais informação – ou desinformação – acerca do mesmo: de todo modo, é claro o indicativo de que, a exemplo do que acontecia nas ruas da cidade, nos bares e nos enredos de carnaval, o satélite podia divertir as pessoas também nas telas dos cinemas.

* * *

Deste modo, a variação da temperatura no interior do satélite acima parecia alterar também a temperatura da “Guerra Fria” cá embaixo; e com isso, alimentava-se todo um cabedal de possibilidades sobre os significados – reais e imaginários – da pequena “lua vermelha”. Assim, se “um conhecido astrólogo, homem providencial que desvenda destinos no itinerário das estrelas, garantiu à sua ilustre clientela, que o novo corpo estranho não causará alteração alguma nos velhos cânones da Astrologia”⁷⁵, o mesmo não pode ser dito com relação a ciência e a política nesta fase embrionária da “Corrida Espacial”. A população da cidade do Rio de Janeiro – mas não apenas ela⁷⁶ – apropriou-se, à sua maneira, das possibilidades abertas pelo inusitado feito russo: seja com bom humor ou com discussões

⁷³ “O homem do *Sputnik*.” VHS, Comédia, Brasil, 1959, 97 min. aprox., P&B. Direção de Carlos Manga. Sistema Globo de Videocomunicação Ltda., s/d. (GVN 6277).

⁷⁴ LIMA, André Luiz Machado de. *A chanchada brasileira e a mídia: o diálogo com o rádio, a imprensa, a televisão e o cinema nos anos 50*. São Paulo, 2007. 217p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola da Comunicação e Artes, USP.

⁷⁵ Revista *Visão*, São Paulo, 18 de outubro de 1957, v.11 n.º.16, p.24, “Mosaico”, “Satélite.”

⁷⁶ O reclame de um jornal fortalezense anunciou um “crediário” para compra de “refrigeradores, radiolas, acordeon etc.” “Eis o sensacional plano Satélite da sua Casa das Máquinas para o Dia das Mães.” No reclame aparece no canto superior direito um desenho de um satélite artificial. Conforme: *Jornal Correio do Ceará*, Fortaleza, 25 de abril de 1959.

ácidas na esfera política⁷⁷ bipolarizada (comunistas *versus* capitalistas, entreguistas *versus* nacionalistas, dentre outros), o certo é que o satélite atingiu em cheio o imaginário da cidade e de sua gente de maneira diretamente proporcional ao surpreendente avanço técnico representado pelo “companheiro artificial da Terra”.

BIBLIOGRAFIA & FONTES.

BARNIER, Lucien. *A nova ciência dos soviéticos*. São Paulo: IBRASA, 1959.

Carnaval de 1958 e sucessos permanentes das Editoras Irmãos Vitale e Editorial Mangione S.A: para piston, clarinete ou sax tenor (em si bemol). Rio de Janeiro: Irmãos Vitale, 1958[?].

DIETZ, David. *Satélite e naves espaciais*. Rio de Janeiro: Record, 1962.

FERREIRA DOS SANTOS, Joaquim. *Feliz 1958: o ano que não devia terminar*. (5ª edição). Rio de Janeiro: Record, 1998.

LIMA, André Luiz Machado de. *A chanchada brasileira e a mídia: o diálogo com o rádio, a imprensa, a televisão e o cinema nos anos 50*. São Paulo, 2007. 217p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola da Comunicação e Artes, USP.

MORRAY, J.P. *As origens da Guerra Fria: de Yalta ao desarmamento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *Dicionário Enciclopédico de Astronomia e Astronáutica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

QUEIROZ JÚNIOR. *Sputnik, a lua vermelha: a verdade sobre os satélites soviéticos, seus detalhes técnicos, seus mistérios, sua importância militar e sua influência decisiva no futuro do mundo*. Rio de Janeiro: Editorial COPAC S.A., 1957.

SHELTON, William Roy. *Largada para o infinito: a história de Cabo Canaveral*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963.

World Opinion and the Soviet Satellite: A Preliminary Evaluation. United States Information Agency, Office of Research and Intelligence, 17 de outubro de 1957, p.5.

Artigos.

⁷⁷ “A política invadiu o céu, as regiões desconhecidas. O sangue, que tantas vezes correu no chão, e no ar, e no mar, pode agora correr além dos limites do ultra-espço, que era uma espécie de sede do sonho – o território da ficção absoluta.” Revista *Leitura*. Rio de Janeiro, número 6, ano XV, dezembro de 1957, p.29.

ALMOND, Gabriel A. *Public Opinion and the Development of Space Technology*. In: *The Public Opinion Quarterly*, Vol. 24, No. 4. (Inverno, 1960), p.555.

ROLIM, Tácito Thadeu Leite. *A Operação “Argus” (1958) e as controvérsias sobre a ocorrência de testes atômicos no Nordeste brasileiro*. In: *Revista Tempo*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, volume 14, número 28, junho de 2010.

ROLIM, Tácito Thadeu Leite. *O Ceará como palco da Corrida Espacial em fins da década de 1950*. In: *Revista Científica EDUCARE*. Fortaleza: Colégio Militar de Fortaleza, volume 2, número 2, junho de 2010.

ROLIM, Tácito Thadeu Leite. *Brasil e Estados Unidos no contexto da Guerra Fria e seus subprodutos: Era Atômica e dos Mísseis, Corrida Armamentista e Espacial, 1945-60*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense (UFF), Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2012, 292pp

Revistas & Jornais.

Revista *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro.

Revista *Leitura*. Rio de Janeiro.

Revista *Visão*, São Paulo.

Jornal *Diário Carioca*, Rio de Janeiro.

Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro.

Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza.

Jornal *O Povo*, Fortaleza.

Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza.

Internet.

Ofício assinado pelo Capitão Noel Gayler da Marinha norte-americana [Naval Aide to the Secretary of Navy] endereçado ao Chefe de Informações da Marinha. Assunto: Política de informação pública acerca do satélite. Departamento da Marinha, Washington, 6 de outubro de 1957.

Statements of Prominent Americans on the Opening of the Space Age: A Chronology of Select Statements, October 4, 1957 to November 13, 1958. [Compilado por Lynne L. Daniels.] NASA Historical Staff. National Aeronautics and Space Administration, Washington, D.C., 15 de julho de 1963, p.i.

Filmes.

“O homem do *Sputnik*.” VHS, Comédia, Brasil, 1959, 97 min. aprox., P&B. Direção de Carlos Manga. Sistema Globo de Videocomunicação Ltda., s/d. (GVN 6277).